

**CENTRO UNIVERSITARIO DO CERRADO PATROCÍNIO
UNICERP
Graduação em Psicologia**

DANIELA MENDES SOUZA

PRECONCEITO RACIAL ENTRE UNIVERSITÁRIOS

**PATROCÍNIO/MG
2018**

DANIELA MENDES SOUZA

PRECONCEITO RACIAL ENTRE UNIVERSITÁRIOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, pelo Centro Universitário do Cerrado Patrocínio – UNICERP.

Orientadora: Profa. Dra. Vanessa Cristina Alvarenga.

**PATROCÍNIO/MG
2018**



Centro Universitário do Cerrado Patrocínio
Curso de Graduação em Psicologia

Trabalho de conclusão de curso intitulado “PRECONCEITO RACIAL ENTRE UNIVERSITÁRIOS”, de autoria da graduanda Daniela Mendes de Souza, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

BANCA EXAMINADORA

Vanessa Cristina Alvarenga

Orientadora Profa. Dra. Vanessa Cristina Alvarenga.
Instituição: UNICERP

Maria Helena Cabral

Profa. Esp. Maria Helena Cabral
Instituição: UNICERP

Vanessa C. Santos

Profa. Esp. Vanessa Costa Santos
Instituição: UNICERP

Data de aprovação: 13/12/2018

“Eu lutei contra a dominação branca, e eu lutei contra a dominação negra. Eu nutri o ideal de uma sociedade democrática e livre, na qual todas as pessoas vivem juntas em harmonia e com oportunidades iguais. É um ideal que espero viver para alcançar. Mas, se for preciso, é um ideal pelo qual estou preparado para morrer”.

Nelson Mandela

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente que permitiu a realização desse sonho, que me deu força e coragem para vencer todos os obstáculos e dificuldades enfrentadas durante o curso.

A minha orientadora Profa. Dra. Vanessa Cristina Alvarenga por ter acreditado na realização deste trabalho, pelo seu incansável encorajamento, pela disponibilidade e sugestões que foram fundamentais para a efetivação desta monografia.

Aos meus pais Lázaro e Ilzaene, por todo o carinho, dedicação e esforço na concretização de um sonho que hoje podemos desfrutar juntos.

Ao meu amor, Geraldo, por todo esforço, sempre me ajudando e incentivando em todos os momentos.

Meus filhos Maria Clara, Cecília e Geraldo Neto toda luta durante estes longos anos de curso são dedicados a vocês, é por vocês que levanto e tento ser a melhor pessoa possível.

A todos dessa instituição UNICERP que permitiram que eu chegasse onde estou, professores que não só ensinavam conteúdos, mas a sermos pessoas melhores contribuindo para a humanidade.

Enfim, agradeço a todos que me ajudaram de alguma forma para a consolidação desse lindo sonho.

RESUMO

Introdução: A abolição da escravatura no Brasil não velou os ex-escravos e/ou afro-brasileiros da discriminação racial e das implicações agourentas desta, como a eliminação social e a miséria. A discriminação racial que estava subsumida na escravidão insurge, após a abolição, adaptando-se ao primeiro plano de exploração contra os negros. Mais do que isso, ela passou a ser um dos categóricos do destino social, econômico, político e cultural dos afro-brasileiros. Diante de vários aspectos que os negros tinham que lutar para conseguirem certa igualdade um deles era a educação, e que se não bastasse o sistema educacional brasileiro, da mesma forma que as instituições sociais, está abarrotado de práticas racistas, discriminatórias e preconceituosas, o que gesta, em muitos tempos um cotidiano escolar danoso para o desenvolvimento emocional e cognitivo de todas as crianças e adolescentes em especial as analisadas diferentes – com evidência para os pertencentes a população negra.

Objetivos: Verificar se há preconceito racial entre os estudantes universitários; investigar como se dão as manifestações racistas entre os universitários; procurar entender os motivos que levam as manifestações racistas por parte dos universitários; refletir acerca do comportamento dos alunos diante de possíveis casos de racismo dentro da Universidade.

Material e Métodos: Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e de campo, realizada no Centro Universitário do Cerrado na cidade de Patrocínio/MG. A pesquisa foi realizada com 50 estudantes universitários, especificamente da área da saúde, portanto de seis cursos, sendo eles: Educação Física, Enfermagem, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Nutrição e Psicologia. O questionário foi o instrumento de coleta de dados escolhido para abarcar o presente trabalho.

Resultados: A hipótese adotada inicialmente neste trabalho não foi comprovada, pois nenhum participante diz ser racista, embora deixem claro que exista racismo no Brasil. Afirmaram que não concordam com o ato racista, e caso o presenciassem tomariam as devidas providências, embora nunca o tenham presenciado no ambiente da universidade. Quanto ao fato das pessoas cometerem atos racistas a grande maioria atribui ser algo apreendido em sua criação, com a família e também para se sentirem superiores aos outros.

Considerações finais: Entende-se que o preconceito racial exista, embora as pessoas estejam tendo uma visão mais ampla do racismo e com isso passam a diminuir seus atos e quem sabe terem maior respeito em relação ao outro.

Palavras-chave: Preconceito. Universitários. Raça.

Lista de Quadros

Quadro 1 - Dados sociodemográficos dos participantes.....20

Quadro 2 - Cor que o universitário se auto declara22

Lista de Siglas e Abreviações

COEP	Comitê de Ética em Pesquisa
FUNCECP	Fundação Comunitária Educacional e Cultural de Patrocínio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
SUS	Sistema Único de Saúde
UNICERP	Centro Universitário do Cerrado

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. OBJETIVOS	12
2.1 Geral:	12
2.2 Específicos:	12
3. DESENVOLVIMENTO	13
3.1 INTRODUÇÃO	13
3.2 MATERIAL E MÉTODOS	16
3.2.1 Tipo de pesquisa.....	16
3.2.2 Cenário da pesquisa	17
3.2.3 Participantes da pesquisa.....	18
3.2.4 Técnica de coleta de dados	18
3.2.5 Procedimento de análise de dados	18
3.2.6 Questões éticas	19
3.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	19
3.3.1 Perfil sociodemográfico dos participantes.....	20
3.3.2 Cor/ Raça dos universitários	22
3.3.3 Racismo no Brasil	22
3.3.4 O racismo e a Universidade	25
3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
3.5 REFERÊNCIAS	30
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS / CONCLUSÃO	33
5. REFERÊNCIAS	34
APÊNDICES	36
ANEXOS	41

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve como tema o preconceito racial entre estudantes universitários, se enquadra na linha de pesquisa da Psicologia Social. Segundo Hall (2003, p. 69), “raça é um organismo político e social. É uma camada discursiva em revólvo da qual se constitui um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão, ou seja - o racismo”.

De acordo com Brito (2007) os negros foram presentes desde o início da concepção social brasileira, sendo plausível afirmar que suas culturas e, logo, suas religiões colaboraram para urdir as identidades formadas no Brasil. Compreender a escravidão é uma tentativa de entendimento da cultura brasileira e das religiões atuais e formadas no Brasil.

A escravidão negra permaneceu mais de 300 anos no Brasil, sendo um dos últimos países a ordenar sua abolição. As condições de vida dos escravos eram lamentáveis, pois além das jornadas de trabalho de 18 horas por dia suportavam todo tipo de rebaixamentos, com constantes penalidades, má alimentação, vestuário pobre e alojamento promíscuo. Esses homens calharam dos porões dos navios para os porões da sociedade (CARNEIRO, 2002).

O Brasil foi o último país do mundo a abolir a escravatura, em 1888, após ter recebido, nesses mais de três séculos, cerca de quatro milhões de africanos como escravos. Com o término do regime, porém, a mão de obra negra não foi submergida pelo mercado, e os ex-escravos, dessa forma, se sustentaram marginalizados em semelhança ao sistema econômico vigente (HERINGER, 2002).

A abolição da escravatura no Brasil não velou os ex-escravos e/ou afro-brasileiros da discriminação racial e das implicações agourentas desta, como a eliminação social e a miséria. A discriminação racial que estava subsumida na escravidão insurge, após a abolição, adaptando-se ao primeiro plano de exploração contra os negros. Mais do que isso, ela passou a ser um dos categóricos do destino social, econômico, político e cultural dos afro-brasileiros (SANTOS, 2008).

De acordo com Santos (2008, grifo do autor), torna-se imprescindível lutar pela “segunda abolição”, os negros entenderam rapidamente que tinham que inventar

técnicas sociais para aprimorar a sua posição social e/ou obter mobilidade social vertical, apontando superar a classe de excluídos e miseráveis.

Diante de vários aspectos que os negros tinham que lutar para conseguirem certa igualdade um deles era a educação, e que se não bastasse o sistema educacional brasileiro, da mesma forma que as instituições sociais, está abarrotado de práticas racistas, discriminatórias e preconceituosas, o que gesta, em muitos tempos um cotidiano escolar danoso para o desenvolvimento emocional e cognitivo de todas as crianças e adolescentes em especial às analisadas diferentes – com evidência para os pertencentes a população negra (CAVALLEIRO, 2005).

A supressão social do negro, na maior parte das vezes, é unificada aos anos de escravidão que viveu. Pode ter sido essa a principal consequência, mas também devem ser avaliados e citados outros fatores que cooperaram para isso, como por exemplo, a falta de oportunidade para ingressar no sistema educacional (PINSKI, 2000).

Conforme Ortiz (2005), o preconceito está também na escola, logo nas séries iniciais, a ausência de materiais que causem ideias positivas sobre o negro, evidencia a discriminação passada pelas crianças na escola. Muitas vezes o preconceito em sala de aula é excluído pelos próprios professores que escolhem silenciar ao invés de debater o assunto e recomendar alternativas para que ele seja desenraizado.

Outro fator de suma importância e que age como fator determinante para que o negro não permaneça no contexto escolar é a discriminação racial que o acompanha desde pequeno até o fim de sua vida, isso influencia negativamente em sua trajetória escolar quando não se entra como fator determinante para a sua exclusão (BASSO, 2011).

Dessa forma, levanta-se como problema de pesquisa: os universitários apresentam preconceito racial? Acredita-se, que mesmo entre um público privilegiado em termos de informações, há sim o preconceito racial, seja até mesmo por uma questão histórica do Brasil em relação às questões raciais.

São a minoria os estudantes negros nas universidades brasileiras e o número de professores negros nestes ambientes, a ocorrência é ainda mais grave. As universidades se instituíram e se materializaram como espaços institucionais brancos e não entreviram a precisão de reparar esta inconsequência. Paradoxalmente, foi precisamente desse ambiente segregado que apareceram todas as teorias que negam a existência de segregação racial no Brasil (CARVALHO, 2006).

É indiscutível que, o preconceito racial está presente em vários lugares da sociedade como um todo, incluindo também as escolas, onde agregam pessoas totalmente heterogêneas, de lugares e biótipos diferentes, causando um maior número de discriminação racial. A escola é uma instituição onde convivem conflitos e contradições, e a discriminação racial, existente no contexto social brasileiro, está também presente nas relações entre educadores e educandos, assim como entre os/as educadores/as e entre alunos e alunas (GOMES, 2005).

Kusma (2010), nos destaca que o exercício pedagógico do professor necessita ser edificado acerca da diversidade cultural atualizada no país, pois, esta abordagem, aprova que o docente trabalhe com a multiplicidade cultural brasileira no desenvolvimento da identidade cultural do aluno, e também a percepção e o respeito das diversidades existentes na sociedade, colaborando com a relação democrática étnico-racial entre os alunos.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Verificar se há preconceito racial entre os estudantes universitários.

2.2 Objetivos Específicos

Investigar como se dão as manifestações racistas entre os universitários;

Procurar entender os motivos que levam as manifestações racistas por parte dos universitários;

Refletir acerca do comportamento dos alunos diante de possíveis casos de racismo dentro da Universidade.

3. DESENVOLVIMENTO

PRECONCEITO RACIAL ENTRE UNIVERSITÁRIOS

DANIELA MENDES SOUZA¹

PROFA. DRA. VANESSA CRISTINA ALVARENGA²

RESUMO

Introdução: A abolição da escravatura no Brasil não velou os ex-escravos e/ou afro-brasileiros da discriminação racial e das implicações agourentas desta, como a eliminação social e a miséria. A discriminação racial que estava subsumida na escravidão insurge, após a abolição, adaptando-se ao primeiro plano de exploração contra os negros. Mais do que isso, ela passou a ser um dos categóricos do destino social, econômico, político e cultural dos afro-brasileiros. Diante de vários aspectos que os negros tinham que lutar para conseguirem certa igualdade um deles era a educação, e que se não bastasse o sistema educacional brasileiro, da mesma forma que as instituições sociais, está abarrotado de práticas racistas, discriminatórias e preconceituosas, o que gesta, em muitos tempos um cotidiano escolar danoso para o desenvolvimento emocional e cognitivo de todas as crianças e adolescentes em especial as analisadas diferentes – com evidência para os pertencentes a população negra.

Objetivos: Verificar se há preconceito racial entre os estudantes universitários; investigar como se dão as manifestações racistas entre os universitários; procurar entender os motivos que levam as manifestações racistas por parte dos universitários; refletir acerca do comportamento dos alunos diante de possíveis casos de racismo dentro da Universidade. **Material e Métodos:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e de campo, realizada no Centro Universitário do Cerrado na cidade de Patrocínio/MG. A pesquisa foi realizada com 50 estudantes universitários, especificamente da área da saúde, portanto de seis cursos, sendo eles: Educação Física, Enfermagem, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Nutrição e Psicologia. O questionário foi o instrumento de coleta de dados escolhido para abarcar o presente trabalho. **Resultados:** A hipótese adotada inicialmente neste trabalho não foi comprovada, pois nenhum participante diz ser racista, embora deixem claro que exista racismo no Brasil. Afirmaram que não concordam com o ato racista, e caso o presenciassem tomariam as devidas providências, embora nunca o tenham presenciado no ambiente da universidade. Quanto ao fato das pessoas cometerem atos racistas a grande maioria atribui ser algo apreendido em sua criação, com a família e também para se sentirem superiores aos outros. **Considerações finais:** Entende-se que o preconceito racial exista, embora as pessoas estejam tendo uma visão mais ampla do racismo e com isso passam a diminuir seus atos e quem sabe terem maior respeito em relação ao outro.

Palavras-chave: Preconceito. Universitários. Raça.

¹ Autora, graduanda de Psicologia pelo UNICERP.

² Orientadora, Coordenadora e Professora de Psicologia do Centro Universitário do Cerrado Patrocínio, Doutora em Educação.

ABSTRACT

Introduction: The abolition of slavery in Brazil has not prevented former slaves and / or Afro-Brazilians from racial discrimination and its ominous implications, such as social elimination and misery. The racial discrimination that was subsumed in slavery insists, after the abolition, adapting itself to the first plan of exploitation against the blacks. More than that, it became one of the categorical of the social, economic, political and cultural destiny of Afro-Brazilians. Faced with several aspects that blacks had to fight to achieve a certain equality, one of them was education, and that if the Brazilian educational system, like social institutions, is not enough, it is overcrowded with racist, discriminatory and prejudiced practices. gesta, in many times a school routine harmful to the emotional and cognitive development of all children and adolescents, especially those analyzed differently - with evidence for those belonging to the black population. **Objectives:** To verify if there is racial prejudice among university students; investigate how racist manifestations occur among university students; try to understand the reasons that lead to racist demonstrations on the part of university students; reflect on the behavior of students in the face of possible cases of racism within the University. **Material and Methods:** This is a qualitative, descriptive and field research, carried out at the Cerrado University Center in the city of Patrocínio/MG. The research was carried out with 50 university students, specifically in the health area, therefore of six courses, being: Physical Education, Nursing, Physical Therapy, Speech Therapy, Nutrition and Psychology. The questionnaire was the data collection instrument chosen to cover the present study. **Results:** The hypothesis adopted initially in this study was not proven, since no participant claims to be racist, although they make clear that there is racism in Brazil. They affirmed that they did not agree with the racist act, and if they saw it they would take the necessary measures, although they never saw it in the university environment. As for the fact that people commit racist acts the great majority attribute to being something apprehended in their creation, with the family and also to feel superior to the others. **Final considerations:** It is understood that racial prejudice exists, although people are having a broader view of racism and with that they decrease their acts and who knows they have greater respect towards the other.

Keywords: Prejudice. College students. Breed.

3.1 INTRODUÇÃO

Segundo Andrews (1998) as variedades raciais brasileiras relacionam-se à herança escravista, às interações entre chefes e empregados e o Estado republicano, que, inicialmente, diminuiu a competência dos escravizados de comercialização, quando imergiu São Paulo de imigrantes. Ao chegarem, abandonaram os negros do conhecimento de trabalho pós-abolição, tomando suas posições no mercado de trabalho.

De acordo com Pedroso (2013) as diferenças diárias, que se proporcionam hodiernamente, com consideração à discriminação no processo pedagógico, irrompem com os estereótipos e paradigmas, cominados por uma ideologia vigorante e hegemônica, expandindo o senso crítico frente os aspectos e julgamentos que são comunicados historicamente, acerca dos povos representados deste país, através do conhecimento tecnológico, intelectual e cultural, produzem uma autenticidade e uma africanidade na configuração de ser e agir dos brasileiros.

A ausência de conhecimento em afinidade à história antiga dos negros, as pendências culturais, os preconceitos étnicos entre duas raças que se afrontam pela primeira vez, tudo isso, mais as precisões econômicas de exploração, inclinaram o espírito europeu a alterar totalmente a individualidade moral do negro e suas aptidões intelectuais. O negro tornasse, então, sinônimo de ser primitivo, rebaixado, dotado de uma mentalidade pré-lógica (MUNANGA, 1986).

Para Rodrigues (2003), a escola, dentro da coletividade, tem a função de combater o preconceito, preocupando em não repetir estereótipos que classifiquem para desqualificar grupos raciais e étnicos, consisti em um lugar democrático onde todos possam ser iguais, tem os mesmos direitos. Sua colocação poderia ter sentido no tempo em que fosse adequada de preparar o aluno para conviver no meio de culturas distintas, abarcando as situações multiculturais, promovendo o domínio de outros costumes e formas de costumes diferentes dos próprios.

Apesar, de na nossa legislação ter distintas fontes e recursos de ação contra a discriminação e o racismo, para que haja potência, essa batalha, é imprescindível a existência de uma consciência. Faz-se cogente que aqueles que são discriminados estejam conscientes da discriminação padecida e reajam de forma certa contra seus discriminadores, até mesmo denunciando-os à justiça (PEDROSO, 2013).

Dessa forma, levanta-se como problema de pesquisa: os universitários apresentam preconceito racial? Acredita-se, que mesmo entre um público privilegiado em termos de informações, há sim o preconceito racial, seja até mesmo por uma questão histórica do Brasil em relação às questões raciais.

São a minoria os estudantes negros nas universidades brasileiras e o número de professores negros nestes ambientes, a ocorrência é ainda mais grave. As universidades se instituíram e se materializaram como espaços institucionais brancos e não entreviram a precisão de reparar esta inconsequência. Paradoxalmente, foi precisamente desse

ambiente segregado que apareceram todas as teorias que negam a existência de segregação racial no Brasil (CARVALHO, 2006).

É indiscutível que, o preconceito racial está presente em vários lugares da sociedade como um todo, incluindo também as escolas, onde agregam pessoas totalmente heterogêneas, de lugares e biótipos diferentes, causando um maior número de discriminação racial. A escola é uma instituição onde convivem conflitos e contradições, e a discriminação racial, existente no contexto social brasileiro, está também presente nas relações entre educadores e educandos, assim como entre os/as educadores/as e entre alunos e alunas (GOMES, 2005).

Kusma (2010), destaca que o exercício pedagógico do professor necessita ser edificado acerca da diversidade cultural atualizada no país, pois, esta abordagem, aprova que o docente trabalhe com a multiplicidade cultural brasileira no desenvolvimento da identidade cultural do aluno, e também a percepção e o respeito das diversidades existentes na sociedade, colaborando com a relação democrática étnico-racial entre os alunos.

3.2 MATERIAL E MÉTODOS

3.2.1 Tipo de pesquisa

O presente estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e de campo. O método qualitativo procura analisar e interpretar detalhes significativos, apresentando as dificuldades do comportamento humano. Procura analisar e investigar hábitos, atitudes, tendências e comportamentos. Neste método, o pesquisador utilizará amostras, os dados serão avaliados em seu conteúdo psicossocial e instrumentos coletados, sendo os instrumentos não estruturados (LAKATOS, MARCONI, 2011).

A pesquisa de modo descritivo tem como objetivo observar, analisar, e correlacionar fatos ou fenômenos sem manipulação de dados, e busca encontrar com a maior rigorosidade possível a frequência de que um determinado fenômeno calha, sua relação e conexão com os outros, sua natureza e suas características. Procura também conhecer as diferentes situações e relações que ocorrem na vida social, política,

econômica, dentre outras vertentes do comportamento humano, tanto individual quanto em grupos (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007).

Marconi e Lakatos (2003) dizem que a pesquisa de campo é usada com o objetivo de adquirir informações, conhecimentos acerca de um problema, no qual se investiga uma resposta, ou de uma hipótese que almeja comprovar, ou ainda encontrar novos fenômenos, e relações ente eles. Para Gil (2002) na pesquisa de campo o pesquisador consegue uma ampla parte de seu trabalho pessoalmente, entrando a realidade na qual se propôs a pesquisar, assim os resultados tendem a ser mais legítimos aos objetivos da pesquisa.

3.2.2 Cenário da pesquisa

A pesquisa foi realizada no Centro Universitário do Cerrado na cidade de Patrocínio/MG. Patrocínio é um município brasileiro, localizado no Estado de Minas Gerais. A região tem uma economia baseada na pecuária e agricultura, com gado leiteiro sendo a principal atividade, juntamente com o café. Segundo o IBGE (2017), a população estimada para o ano de 2018 é de 89.333 habitantes.

Segundo o site do Centro Universitário do Cerrado Patrocínio - UNICERP a instituição é mantida pela Fundação Comunitária Educacional e Cultural de Patrocínio - FUNCECP, uma entidade sem fins lucrativos, com mais de 40 anos de história. Originou-se das Faculdades Integradas de Patrocínio - FIP, de acordo com as prerrogativas do art. 6º do Decreto nº 2.207 de 15 de abril de 1997.

De acordo com informações obtidas no site do UNICERP, a instituição apresenta 20 cursos de graduação no total, sendo que na área da saúde há 6 (seis) cursos, sendo eles: Educação Física, Enfermagem, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Nutrição e Psicologia, para estes cursos em específico há o Centro de Saúde, que é um espaço integrado de apoio e realização de aulas práticas, estágios e atendimento à comunidade. O mesmo atende em convênio com o Sistema Único de Saúde (SUS), e é referência regional na prestação de serviços na área da saúde com inúmeros atendimentos gratuitos a população.

3.2.3 Participantes da pesquisa

Participaram da presente pesquisa 50 universitários do UNICERP, especificamente da área da saúde, portanto de 6 (seis) cursos, sendo eles: Educação Física, Enfermagem, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Nutrição e Psicologia, sendo estes alunos dos últimos períodos de cada curso.

A princípio seriam aplicados 120 questionários, mas por ser o último período de cada curso, muito universitários têm aula somente uma vez na semana, dificultando assim o acesso aos mesmos.

3.2.4 Técnica de coleta de dados

Para aplicação do questionário, o qual foi elaborado pelas pesquisadoras (APÊNDICE A) foi combinado com cada coordenador dos referidos cursos, o melhor dia para a aluna pesquisadora ir até a sala de aula dos últimos períodos de cada curso a fim de abordar os alunos. Os estudantes do UNICERP que aceitaram participar da pesquisa responderam o questionário em sala de aula na presença da pesquisadora que esperou o preenchimento dos mesmos. Todos que participaram assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (APÊNDICE B).

O questionário, segundo Gil (1999, p. 121) pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”.

3.2.5 Procedimento de análise dos dados

Após leitura exhaustiva e transcrições das respostas dos questionários, procurou-se interpretar os resultados à luz da teoria pesquisada, procurando organizar o conteúdo emergido em categorias.

Como nos explica González Rey (2002, p. 143): “uma das formas mais antigas e mais usadas na análise e processamento de conteúdo abertos e pouco estruturados é a análise de conteúdo, técnica que se apoia na codificação da informação em categorias para dar sentido ao material estudado”.

As categorias, segundo González Rey (2010, p. 139) “representam formas de concretização e de organização do processo construtivo-interpretativo que permitem seu desenvolvimento por meio de núcleos de significação teórica portadores de certa estabilidade”.

3.2.6 Questões Éticas

Este projeto de pesquisa está de acordo com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, a qual estabelece as diretrizes para a pesquisa envolvendo seres humanos. O mesmo foi submetido a avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa do UNICERP (COEP/UNICERP) e a coleta de dados somente foi realizada após aprovação do COEP/UNICERP (ANEXO A).

3.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Serão apresentados nos resultados os dados sociodemográficos dos universitários participantes da pesquisa e as categorias que emergiram a partir das perguntas que nortearam os questionários da presente pesquisa. Dessa forma, buscou-se demonstrar os resultados obtidos por meio das transcrições dos questionários com fundamento na análise de conteúdo e no referencial teórico adotado. A finalidade foi explicar o que se esperou compreender nesta pesquisa, estimando o processo de construção dos questionários feitos pelos universitários.

3.3.1 Perfil sociodemográfico dos participantes

A fim de obter maiores informações dos participantes, segue os dados sociodemográficos dos mesmos, tais como: gênero, idade, curso universitário. Optou-se por colocar a denominação P1 a P50 a fim de manter o anonimato dos participantes.

Quadro 1 - Dados sociodemográficos dos participantes

Participantes	Gênero	Idade (anos)	Curso
P1	Feminino	35	Psicologia
P2	Feminino	21	Nutrição
P3	Feminino	22	Fonoaudiologia
P4	Feminino	24	Nutrição
P5	Feminino	24	Nutrição
P6	Feminino	23	Fonoaudiologia
P7	Feminino	21	Fonoaudiologia
P8	Feminino	25	Fonoaudiologia
P9	Feminino	25	Psicologia
P10	Masculino	29	Psicologia
P11	Feminino	22	Nutrição
P12	Feminino	20	Fonoaudiologia
P13	Feminino	22	Nutrição
P14	Masculino	31	Psicologia
P15	Feminino	21	Fonoaudiologia
P16	Feminino	21	Fonoaudiologia
P17	Feminino	21	Nutrição
P18	Feminino	20	Nutrição
P19	Feminino	26	Fonoaudiologia
P20	Masculino	30	Psicologia
P21	Feminino	46	Psicologia
P22	Feminino	29	Psicologia
P23	Feminino	24	Psicologia
P24	Masculino	27	Nutrição
P25	Feminino	22	Psicologia
P26	Feminino	21	Psicologia
P27	Feminino	26	Psicologia
P28	Feminino	24	Psicologia
P29	Feminino	22	Educação Física
P30	Feminino	24	Educação Física
P31	Feminino	25	Educação Física
P32	Feminino	22	Educação Física
P33	Feminino	26	Educação Física
P34	Feminino	24	Enfermagem
P35	Feminino	27	Enfermagem
P36	Masculino	24	Educação Física

P37	Feminino	23	Fisioterapia
P38	Feminino	28	Educação Física
P39	Masculino	25	Educação Física
P40	Feminino	23	Enfermagem
P41	Feminino	22	Enfermagem
P42	Feminino	25	Fisioterapia
P43	Feminino	25	Enfermagem
P44	Feminino	22	Enfermagem
P45	Feminino	24	Fisioterapia
P46	Feminino	23	Fisioterapia
P47	Feminino	23	Psicologia
P48	Feminino	22	Psicologia
P49	Feminino	25	Psicologia
P50	Feminino	24	Psicologia

Fonte: Dados da pesquisa

Constata-se no QUADRO 1 que a maioria dos entrevistados são do sexo feminino, o que corresponde a 88% da amostra (44 participantes), e 12% corresponde ao sexo masculino (seis participantes), faz-se necessário evidenciar que atualmente no Brasil uma gama de identificadores distingue para o fato de as mulheres estarem em maior número nos diferentes níveis educacionais. No ensino universitário não é diferente; nele, a presença de mulheres é predominante (BARRETO, 2014).

A dominação das mulheres no ensino superior é um acontecimento mundial, que vem sendo verificado nas últimas décadas. Da mesma forma que a ascendência delas nas matrículas de graduação é um fato de alcance mundial, e que tem lugar, em muitos países, a partir da década de 1990 de uma forma mais geral (MCDANIEL, 2014).

Dentre os 50 participantes, 37 participantes estão na faixa etária de 21 a 25 anos, 10 participantes na faixa etária de 26 a 30 anos, e 3 (três) participantes com a faixa etária de 31 a 46 anos.

Quanto ao curso, da Psicologia participaram 16 universitários, 6 (seis) do curso de Enfermagem, 8 (oito) do curso de Educação Física, 10 do curso de Fonoaudiologia, 4 (quatro) do curso de Fisioterapia e 6 (seis) do curso de Nutrição. Apresenta-se um maior número de participantes no curso de Psicologia, em síntese, pode ser pelo dato de a graduação em Psicologia pelas instituições de ensino, públicas e privadas, no país, no período destacado, apresentou crescimento da oferta de cursos da graduação no país, destacadamente, no setor privado (LISBOA; GONÇALVES, 2009).

3.3.2 Cor/ Raça dos universitários

Uma das primeiras perguntas do questionário foi a cor que os participantes se auto declaram.

Quadro 2 - Cor que o universitário se auto declara

Branco	23
Negro	9
Pardo	18

Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com o QUADRO 2 verifica-se que 23 universitários se auto declaram brancos, 9 (nove) negros e 18 pardos. Para fins de estudos demográficos, no Brasil, a atual classificação racial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é a que é tomada como oficial desde 1991. Tal classificação tem como diretriz, essencialmente, o fato de a coleta de dados se basear na auto declaração. Ou seja, a pessoa escolhe, de um rol de cinco itens (branco, preto, pardo, amarelo e indígena) qual cor ela é (OLIVEIRA, 2004).

Num universo de 50 participantes, somente 9 (nove) se auto declaram negros. O que o representa uma discrepância no que se diz ao universitário negro, as relações desiguais existentes na sociedade brasileira tomam todos os espaços, mesmo o escolar. O preconceito e a discriminação raciais podem ser registrados nas relações interpessoais e até nos livros didáticos. A estrutura escolar também não está organizada para lidar com esse tipo de problema. Há muitos professores que participam em cenas em que alunos negros são desistidos e discriminados pelos colegas e não tomam nenhuma atitude (VALENTE, 1994).

3.3.3 Racismo no Brasil

Durante a escravidão no Brasil, o negro era um produto, era considerado “não humano”, e não tinha com quem incumbir nessa situação. Depois que os negros se

viraram livres e incidiram a disputar posições com os imigrantes e com os outros brancos, numa ocorrência de igualdade “de direito”, o preconceito e a discriminação racial passaram a ser empregados como armas de concorrência, colocando a desigualdade “de fato” (VALENTE, 1994, grifos da autora).

Quando perguntados se existe racismo no Brasil, todos os participantes da pesquisa afirmaram existir racismo, como se pode constatar em alguns trechos abaixo:

Por todos os lados presenciamos o racismo, infelizmente se tornou um ato comum nos dias de hoje (P2).

Muito, pois as pessoas colocam a “cor” acima daquilo que a pessoa é de verdade (P3).

Vemos todos os dias no Brasil, episódios de racismos em vários meios, como na internet (P7).

Acredito que exista, pois é comum assistirmos na mídia casos de agressões tanto verbal quanto não verbal (P9).

Já se superou muito o racismo, mas ainda existe (P12).

Com o passar dos anos é algo que vem diminuindo, porém, ainda é presente. Como no caso de atores que adotaram uma criança negra, causando grande alvoroço (P15).

O histórico de escravidão do país faz com que infelizmente ocorra o racismo (P16).

Infelizmente, atualmente cor é considerado é considerado caráter (P18).

Infelizmente ainda vivenciamos situações que envolva o racismo (P21).

Porque vemos claramente que os negros não ocupam cargos executivos nas empresas, há uma minoria nas faculdades (P22).

Infelizmente é uma realidade no nosso país. Onde uns se acham melhores que outros simplesmente pela cor (P26).

O racismo nunca acabou, na verdade ele está muito presente em vários momentos do nosso dia a dia (P27).

Em várias situações (P24).

A partir das respostas fica claro que os entrevistados acreditam que o racismo ainda é presente no Brasil. O racismo contra o negro no Brasil não tem as mesmas propriedades do racismo nos Estados Unidos e na África do Sul. O racismo, aqui, é dessemelhante. Ele é sutil, escondido. Ora se camufla, se disfarça, ora se aparece. As

razões desse debate são históricas, a começar pela forma como se conferiram as colonizações nos três países (VALENTE, 1994).

Apesar do discurso que recusa ou ameniza a apresentação do preconceito e da discriminação racial no país, não é difícil ver aparecimentos de racismo no dia a dia da vida social brasileira. Ora ele é escancarado como nos massacres frequentes, ora é silencioso, como no olhar policial que põe firmemente os negros sob suspeita (NUNES, 2006).

Se em algumas pessoas a não expressão de atitudes racistas pode ser atribuída a processos de internalização ou de conversão às novas normas, em outras a não expressão deve ser atribuída a simples processos de acomodação. Não se trata de uma adaptação meramente quantitativa (redução na intensidade da expressão), mas de uma transformação qualitativa das formas de expressão do preconceito (CAMINO, et al., 2001). Assim, foi perguntado aos participantes se eles se consideram uma pessoa racista, as respostas foram as seguintes:

Cor não justifica aquilo que a pessoa é por dentro (P3).

Porque independentemente da cor eu prezo pela pessoa como ela é e se tem coração bom e se é uma pessoa boa (P8).

Eu vejo além da raça da pessoa, o que me importa é o seu caráter e não sua cor (P9).

Considerando o racismo com a discriminação, inferiorização e depreciação das habilidades de uma pessoa pela cor da sua pele, não (P10).

Acredito que todos são considerados iguais e que a cor é apenas uma característica física que jamais pode ser analisada como caráter (P18).

Considero todas as pessoas iguais, independentemente da cor, raça ou classe social e etc. (P19).

Pelo fato de ter a percepção familiar que já viveram, foram vítimas de racismo, sou bem esclarecida (sou filha de negro) (P21).

Não trato diferente as pessoas pela cor, raça, religião ou condição financeira (P24).

Pois respeito as diferenças dos meus semelhantes e não há nada científico que comprove uma raça é melhor ou mais importante que a outra. Com esses comportamentos nunca teremos um mundo melhor. Devemos ter pensamentos críticos e transformadores (P25).

O ambiente em que fui criada, sempre foi de respeito a todos independente de qualquer coisa (P27).

Eu acredito que somos todos iguais independentemente da cor da pele, a nossa singularidade está nas nossas subjetividades (P33).

Somos todos iguais, temos a mesma cor por dentro. A única diferença é a ignorância de alguns (P35.)

A miscigenação nos faz todos iguais (P50).

Dentro dos questionários respondidos, nota-se que os entrevistados não se consideram racistas. Blank, Dabady e Citro (2004) tipificam exemplos de racismo que comprovariam a autonomia entre crenças/ideologias raciais dos preconceitos/discriminações raciais. Eles abrangem de preconceito indireto, os comportamentos discriminatórios que são relevados agravando para as características secundárias, pelo grupo-alvo, como quando indivíduos evitam negros por avaliarem que eles acostumam ser pobres. Nesse caso, uma discriminação aparentemente classista é, a rigor, um preconceito racial indireto.

Camino et al., (2001) citam que a fala moderna sobre as relações raciais é fundamentalmente contraditória. Foi realizado um estudo na Paraíba, analisou que quase todos os 120 universitários entrevistados, asseguram que no Brasil existe preconceito, mas curiosamente a boa parte não se considera racista. Os estudantes semelham ter a consciência da discriminação racial que se vivencia no Brasil, mas não querem assumir tal situação.

3.3.4 O racismo e a Universidade

As relações desiguais existentes na sociedade brasileira tomam todos os espaços, mesmo o escolar. O preconceito e a discriminação raciais podem ser registrados nas relações interpessoais e até nos livros didáticos. A estrutura escolar também não está organizada para lidar com esse tipo de problema. Há muitos professores que participam em cenas em que alunos negros são desistidos e discriminados pelos colegas e não tomam nenhuma atitude (VALENTE, 1994).

A educação discriminatória e, portanto, desigual, o baixo nível de escolaridade da população negra colabora para sustentar a sua exclusão do mercado de trabalho,

ultrajada pelas constantes e intensas modernizações do mundo contemporâneo (GOMES, 2005).

Questionou-se aos alunos sobre o que leva uma pessoa, mesmo com um auto nível de conhecimento, no caso um estudante universitário, cometer um ato de racismo, dentro desse contexto se destaca algumas respostas, a saber:

Questão familiar (P3).

Eu não sei o que passa na cabeça de uma pessoa que tem conhecimento cometer um ato de racismo, é muita falta de amor ao próximo (P4).

Falta de caráter (P5).

Falta de consideração pelo próximo. Muitos se acham autossuficientes e acham que nunca irão precisar do próximo (P6).

A educação familiar (P7).

Crença familiar (P8).

A ignorância, o sentimento de superioridade e a criação (P9).

Influência de outras pessoas (P12).

Educação vem de berço, então não sei o que leva uma pessoa a cometer esse erro (P13).

Falta de respeito e caráter ao próximo (P14).

A cultivação da cultura racista na própria família e a influência das mídias digitais (P16).

A falta de educação dos pais desde criança (P19).
Isso pode estar relacionado ao caráter do sujeito (P20).

Por preconceito ou ignorância (P23).

Influência ambiental de amigos e familiares e dos preconceitos que a própria pessoa cria se considerando superior ao outro pela cor (P25).

Ignorância, baixa autoestima. Demonstração de que é necessário se achar superior para elevar a autoestima (P26).

Ignorância e ar de superioridade, espero nunca presenciar, eu não aceito de forma alguma (P37).

Percebe-se nas falas que os universitários consideram o racismo como comportamento de ignorância, baixa autoestima, influência de amigos e familiares,

diante dessa temática Verçosa (2012) esclarece que a escola carece de proporcionar momentos de discussão, estudo que abranja professores, alunos e toda comunidade escolar, desse modo, expandir os conhecimentos sobre a história do negro, sua ajuda para a evolução da humanidade, principalmente como forma de obter informações mais arraigadas dos afrodescendentes e das relações postas entre os outros povos. Adotar, valorizar e respeitar a existências dos negros e sua cultura no ambiente escolar aparecerá que a escola reconhece e coloca ações positivas no tratamento das relações étnico raciais.

Apesar de parecer chocante e inaceitável o racismo está também presente na esfera familiar e, supostamente, continente da vida do indivíduo, o número não escapa à lógica das concepções raciais. É necessário compreender que a família é um campo de interseção entre a realidade social e a história psíquica, uma organização que, em seu arranjo de parentesco e nas significações que atribui a cada um dos lugares que a arrumam, sofre a determinação de uma história sociocultural na qual se situa e que a abarca, ao mesmo tempo em que é composta na interação afetiva entre os familiares (SCHUCMAN; GONÇALVES, 2017).

Souza e Souza (2008) entendem que para se erguer uma educação antirracista é preciso repensar o universo característico da civilização africana que durante séculos foi recusado à população brasileira, como também provocar para a invisibilidade da experiência de jovens negros na escola.

Questionados sobre ter presenciados algum episódio de racismo no ambiente da faculdade, todos os participantes responderam que nunca presenciaram nenhum tipo de racismo.

Nos dias atuais, as pessoas de modo geral, estão contra o racismo e dizem claramente que ele tem que ser combatido. O racismo claro e tradicional é condenado socialmente, entretanto, tal condenação não é sinônimo da sua inexistência. Podemos notar uma mudança na manifestação do racismo, mas sua função continua a mesma, qual seja, a de organizar as relações de poder e justificar as desigualdades sociais (NUNES, 2010).

Foi perguntado aos participantes se caso chegassem a presenciar um ato racista cometido por alguém no ambiente da faculdade qual seria a postura dos mesmos, as respostas foram as seguintes:

Em casos de pessoas que não conheço chamaria a polícia. Se fosse uma pessoa próxima iria ficar bastante exaltada (P1).

Denunciaria (P4).

Supostamente ficaria indignada e sem reação (P5).

Acho que defenderia a pessoa que estava sofrendo o racismo e a aconselharia a buscar seus direitos (P9).

Se eu presenciasse isso, eu tentaria defender a pessoa que foi vítima, de forma respeitosa (P11).

Denunciaria e tomaria as devidas providências (P14).

Tentaria aconselhar ambos sobre o ato racista (P19).

Denunciaria quem quer que fosse, mesmo que estivesse dentro de meu ciclo de amizade (P20).

Não aceitaria e tentaria ajudar a pessoa agredida (P23).

Interferiria (P24).

Para dizer exatamente, só vivenciando, mas acredito que iria entrar e defender quem estivesse sendo vítima (P26).

Não sei como reagiria (P27).

Denunciaria com certeza (P36).

Me colocaria no lugar da pessoa que estava sendo cometida e a defenderia (P41).

As pessoas que têm uma visão humanitária, por sua vez, devem contestar empaticamente às indigências e aspirações dos negros, sentir afinidade por eles, e hipotecar apoio aos esforços públicos para melhorar suas oportunidades. Semelha existir uma disposição a ver o grupo minoritário por uma ótica adequada, até mesmo, sinalizando que, caso fosse válido, possivelmente traria contribuições para toda a sociedade (KATZ; HASS, 1988).

Ao final foi perguntado se gostariam de acrescentar algo pertinente ao assunto, poucos se posicionaram falando o seguinte:

Acredito que o racismo deve ser tratado desde a infância, pois grande parte dos casos de racismo são causados por influência desse racismo na família (P9).

As pessoas geralmente não aceitam o diferente o não usual, existe não só a intolerância racial. Mas também religiosa, política e quanto ao gênero (P12).

Parabéns pela pesquisa, acho importante a faculdade investir na conscientização pois o racismo é real e acontece em todos os lugares a todo tempo (P16).

Acredito que caso acontecesse alguma prática nesse sentido não daremos o braço a torcer, uma vez que o outro é nosso próximo e no cuidado com as brincadeiras, pois podem ofender alguém sem você perceber (P20).

Acho muito importante e bastante atual esse tema. Parabéns pela iniciativa de estudar algo que é tão complexo que está bem banalizado pela grande maioria da sociedade que é moralista e que nada fazem para mudar essa história (P25).

3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hipótese adotada inicialmente neste trabalho não foi comprovada, pois nenhum participante diz ser racista, embora deixem claro que exista racismo no Brasil. Afirmaram que não concordam com o ato racista, e caso o presenciassem tomariam as devidas providências, embora nunca o tenham presenciado no ambiente da universidade. Quanto ao fato das pessoas cometerem atos racistas a grande maioria atribui ser algo apreendido em sua criação, com a família e também para se sentirem superiores aos outros.

Entende-se que o preconceito racial exista, embora as pessoas estejam tendo uma visão mais ampla do racismo e com isso passam a diminuir seus atos e quem sabe terem maior respeito em relação ao outro.

3.5 REFERÊNCIAS

ANDREWS, G. R. **Negros e Brancos em São Paulo** (1888-1988). São Paulo: EDUSC, 1998.

BARRETO, A. A mulher no Ensino Superior: Distribuição e Representatividade. **Cadernos do GEA**. n. 6 (jul./dez. 2014). p. 52 – Rio de Janeiro: FLACSO, GEA; UERJ, LPP, 2012.

BLANK, R.; DABADY, M.; CITRO, C. **Measuring racial discrimination**: panel on methods for assessing discrimination. Washington, National Academies Press. 2004.

CAMINHO, L., SILVA, P., MACHADO A.; PEREIRA, C. A face oculta do racismo no Brasil: Uma análise psicossociológica. **Revista Psicologia Política**, vol. 1, p. 13-36. 2001.

CARVALHO, J. J. O confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, vol. 2, n. 68, p. 88-103, 2006.

CERVO A. L., BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia Científica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

_____. **Pesquisa qualitativa em psicologia**: caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Educação antirracista**: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Coleção Educação para todos, Brasília, 2005. p. 39-42.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2017. **Cidades**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=314810&search=||info%EFicos:informa%E7%F5es-completas>>. Acesso em: 23 de maio de 2018.

KATZ, I.; HASS, R. G. Racial ambivalence and american value conflict: correlational and priming studies of dual cognitive structures. **Journal of personality and social psychology**, vol. 55, n. 6, p. 893-905, 1988.

KUSMA, P. C. **Aplicabilidade da lei 10.639/03 na sala de aula**: possibilidades e mudanças. 2010. 45f. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2011.
- LISBOA, F. S. B.; GONÇALVES, A. J. Formação em Psicologia no Brasil: um perfil dos cursos de graduação. **Psicologia Ciência e Profissão**, São Paulo, vol. 29, n. 4, p. 718-737, 2009.
- MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.
- MCDANIEL, A. Women's Rising Share of Tertiary Enrollment: A Cross-National Analysis. **Fire: Forum for International Research in Education**, vol. 1, n. 2, p. 1-21, 2014.
- MUNANGA, K. **Negritude: Usos e Sentidos**. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- NUNES, S. Racismo no Brasil: Tentativas de Disfarce de uma Violência Explícita. **Psicologia USP**, vol. 17, n. 1, p. 89-98, 2006.
- NUNES, S. **Racismo contra negros: um preconceito sutil**. 2010. 227f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- OLIVEIRA, F. Ser negro no Brasil: Alcances e Limites. **Estudos Avançados**, São Paulo, vol. 18, n. 50, 2004.
- PEDROSO, J. I. Z. **O Preconceito Racial no Ambiente Escolar**. Editora: Secretaria do Estado de Educação Superintendência da Educação Universidade Estadual do Centro-Oeste – Campus Irati UNICENTRO Paraná, 2013.
- RODRIGUES, D. B. **Preconceito racial: uma violência a democracia na escola**. 2003. Disponível em: <http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/artigos_revistas/159.pdf>. Acesso em: 23 de agosto de 2018.
- SCHUCMAN, L. V.; GONÇALVES, M. M. Racismo na família e a construção da negritude: embates e limites entre a degradação e a positivação na constituição do sujeito. **Odeere: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB**. Ano 2017, vol. 2, n. 4, p. 61-83, São Paulo. Julho – dezembro de 2017.
- SOUZA, E. P.; SOUZA, B. O. Preconceito, estereótipo e discriminação no espaço escolar. In: RIBEIRO, A. S. T.; SOUZA, B. O.; SOUZA, E. P.; RIBEIRO, I. M. P. (Orgs.). **História e Cultura Afro-brasileira e Africana na Escola**. Brasília: Ágere Cooperação em Advocacy, 2008. p. 94-96.
- UNICERP. Centro Universitário do Cerrado. Dados da Instituição, 2018. Disponível em: <<http://www.unicerp.edu.br/instituicao/apresentacao>>. Acesso em: 23 maio de 2018.

VALENTE, A. L. E. F. **Ser negro no Brasil hoje**. São Paulo: Moderna, 1994.

VERÇOSA, A. A. **Racismo na escola**: o silêncio fala mais alto. 57f. 2012. Monografia (Especialização em Educação) - Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto. 2012.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÃO

O preconceito racial está presente em distintos setores da sociedade, o que inclui espaços educacionais como é o caso de universidades, centros superiores de ensino. Por muito tempo, o negro, assim como os defensores da igualdade racial tem procurado reverter o quadro lastimável de racismo instaurado na sociedade brasileira, desde mesmo, a época da escravatura.

Esta pesquisa teve por objetivo investigar se há preconceito racial entre os universitários da área da saúde na instituição UNICERP. Pelo instrumento utilizado para este estudo não foi possível identificar estudantes que se consideram racistas. Em outros estudos poderia ser utilizado outros instrumentos para conferir ou refutar estes resultados, nenhum participante diz ser racista, embora deixem claro que exista racismo no Brasil. Afirmaram que não concordam com o ato racista, e caso o presenciassem tomariam as devidas providências, embora nunca o tenham presenciado no ambiente da universidade. Quanto ao fato das pessoas cometerem atos racistas a grande maioria atribui ser algo apreendido em sua criação, com a família e também para se sentirem superiores aos outros.

. O negro faz parte da constituição do povo brasileiro; contudo é visto com valor inferior por muitas pessoas e tal fato, conforme observou-se no estudo, está relacionado à errônea ideia de superioridade ou a influência negativa do meio no tocante à uma educação racista passada de pai para filho ou até mesmo pela repercussão em meios midiáticos.

Porém, apesar do racismo ainda ser uma grande mazela social, é possível perceber a ocorrência de mudança no pensamento dos brasileiros, demonstrada na presente pesquisa, pelo fato dos entrevistados mostrarem ser contra o racismo e se portarem em defesa do negro e da vítima de racismo no meio acadêmico. Defesa traduzida no posicionamento a favor da garantia do direito de igualdade bem como da tomada de providências voltadas para o acionamento de forças policiais.

Entende-se que o preconceito racial exista, embora as pessoas estejam tendo uma visão mais ampla do racismo e com isso passam a diminuir seus atos e quem sabe terem maior respeito em relação ao outro.

Mediante as leituras realizadas fica evidente que a inclusão racial no Brasil ainda é um problema a ser resolvido, visto as questões históricas, sociais e econômicas que perpassam a realidade do negro no país. Destaca-se a importância de trabalhos acadêmicos com essa temática, visto a necessidade da luta diária quanto aos direitos do negro e a reparação histórica que o país tem para com o mesmo.

5. REFERÊNCIAS

ANDREWS, G. R. **Negros e Brancos em São Paulo** (1888-1988). São Paulo: EDUSC, 1998.

BARRETO, A. A mulher no Ensino Superior: Distribuição e Representatividade. **Cadernos do GEA**. n. 6 (jul./dez. 2014). p. 52 – Rio de Janeiro: FLACSO, GEA; UERJ, LPP, 2012.

BASSO, C. **Racismo e o ensino superior**. 2011. 65f. Monografia. (Graduação em Serviço Social). Faculdade de Ampere. Ampère, 2011.

BLANK, R.; DABADY, M.; CITRO, C. **Measuring racial discrimination**: panel on methods for assessing discrimination. Washington, National Academies Press. 2004.

BRITO, E. História e Escravidão: Cultura e Religiosidade Negras no Brasil – Um Levantamento Bibliográfico. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, p. 112-178, 2007.

CAMINHO, L., SILVA, P., MACHADO A.; PEREIRA, C. A face oculta do racismo no Brasil: Uma análise psicossociológica. **Revista Psicologia Política**, vol. 1, p. 13-36. 2001.

CARVALHO, J. J. O confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, vol. 2, n. 68, p. 88-103, 2006.

CARNEIRO, M. L. T. **O racismo na história do Brasil**: mito e realidade. São Paulo. Editora Ática. 2002.

CAVALLEIRO, E. Discriminação racial e pluralismo em escolas públicas da cidade de São Paulo. In: BRASIL, **Educação antirracista**: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03/ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 65-104.

CERVO A. L., BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia Científica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

_____. **Pesquisa qualitativa em psicologia**: caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Coleção Educação para todos, Brasília, 2005. p. 39-42.

HALL, S. **Da Diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

HERINGER, R. Desigualdades raciais no Brasil: síntese de indicadores e desafios no campo das políticas públicas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, vol. 18 (Suplemento), p. 57-65, 2002.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2017. **Cidades**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=314810&search=||info%EFicos:informa%E7%F5es-completas>>. Acesso em: 23 de maio de 2018.

KATZ, I.; HASS, R. G. Racial ambivalence and american value conflict: correlational and priming studies of dual cognitive structures. **Journal of personality and social psychology**, vol. 55, n. 6, p. 893-905, 1988.

KUSMA, P. C. **Aplicabilidade da lei 10.639/03 na sala de aula: possibilidades e mudanças**. 2010. 45f. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2011.

LISBOA, F. S. B.; GONÇALVES, A. J. Formação em Psicologia no Brasil: um perfil dos cursos de graduação. **Psicologia Ciência e Profissão**, São Paulo, vol. 29, n. 4, p. 718-737, 2009.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MCDANIEL, A. Women's Rising Share of Tertiary Enrollment: A Cross-National Analysis. **Fire: Forum for International Research in Education**, vol. 1, n. 2, p. 1-21, 2014.

MUNANGA, K. **Negritude: Usos e Sentidos**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

NUNES, S. Racismo no Brasil: Tentativas de Disfarce de uma Violência Explícita. **Psicologia USP**, vol. 17, n. 1, p. 89-98, 2006.

NUNES, S. **Racismo contra negros: um preconceito sutil**. 2010. 227f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, F. Ser negro no Brasil: Alcances e Limites. **Estudos Avançados**, São Paulo, vol. 18, n. 50, 2004.

ORTIZ, C. Só não enxerga quem não quer: racismo e preconceito na Educação Infantil. **Avisa lá Revista**, São Paulo, vol. 23, n. 2, p. 22-29, 2005.

PEDROSO, J. I. Z. **O Preconceito Racial no Ambiente Escolar**. Editora: Secretaria do Estado de Educação Superintendência da Educação Universidade Estadual do Centro-Oeste – Campus Irati UNICENTRO Paraná, 2013.

PINSKI, J. **A escravidão no Brasil**. São Paulo: Atual, 2000.

RODRIGUES, D. B. **Preconceito racial: uma violência a democracia na escola**. 2003. Disponível em: <http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/artigos_revistas/159.pdf>. Acesso em: 23 de agosto de 2018.

SANTOS, M. A. O. **A persistência política dos movimentos negros brasileiros: transformações e novos desafios institucionais**. In: IX Congresso Internacional da Brazilian Studies Association – Brasa. 27 a 29 de março de 2008. Tulane University. New Orleans – Louisiana. 2008.

SCHUCMAN, L. V.; GONÇALVES, M. M. Racismo na família e a construção da negritude: embates e limites entre a degradação e a positivação na constituição do sujeito. **Odeere: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB**. Ano 2017, vol. 2, n. 4, p. 61-83, São Paulo. Julho – dezembro de 2017.

SOUZA, E. P.; SOUZA, B. O. Preconceito, estereótipo e discriminação no espaço escolar. In: RIBEIRO, A. S. T.; SOUZA, B. O.; SOUZA, E. P.; RIBEIRO, I. M. P. (Orgs.). **História e Cultura Afro-brasileira e Africana na Escola**. Brasília: Ágere Cooperação em Advocacy, 2008. p. 94-96.

UNICERP. Centro Universitário do Cerrado. Dados da Instituição, 2018. Disponível em: <<http://www.unicerp.edu.br/instituicao/apresentacao>>. Acesso em: 23 maio de 2018.

VALENTE, A. L. E. F. **Ser negro no Brasil hoje**. São Paulo: Moderna, 1994.

VERÇOSA, A. A. **Racismo na escola: o silêncio fala mais alto**. 57f. 2012. Monografia (Especialização em Educação) - Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto. 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A
QUESTIONÁRIO

1- Gênero: () Masculino () Feminino

2- Idade: _____

3- Curso:

4- Período:

3- De qual cor você se declara?

4- Você acha que existe racismo no Brasil?

() Sim () Não

Comente sua resposta:

5- Você se considera uma pessoa racista:

() Sim () Não

Comente sua resposta:

6- Já presenciou algum episódio de racismo no ambiente aqui da faculdade?

() Sim () Não

Explique como foi esse episódio:

7- Na sua opinião o que leva uma pessoa, mesmo com um auto nível de conhecimento, no caso um estudante universitário, cometer um ato de racismo?

Comente sua resposta:

8- Qual seria sua postura se chegasse a presenciar um ato racista cometido por alguém no ambiente da faculdade?

Comente sua resposta:

9- Caso queira acrescentar alguma informação pertinente ao assunto sinta-se à vontade:

APÊNDICE B
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA
PARTICIPANTES MAIORES DE 18 ANOS

Eu, Daniela Mendes Souza, estudante do curso de Psicologia do Centro Universitário do Cerrado Patrocínio, convido-o(a) a participar de pesquisa sobre Preconceito Racial entre Universitários, que tem como objetivo verificar se há preconceito racial entre universitários; investigar como se dão as manifestações racistas entre os universitários; procurar entender os motivos que levam as manifestações racistas por parte dos universitários; refletir acerca do comportamento dos alunos diante de possíveis casos de racismo dentro da Universidade;

A sua participação é voluntária, sendo sua colaboração muito importante para o andamento da pesquisa, que consiste em responder a um questionário.

Serão assegurados a você o anonimato, o sigilo das informações, a privacidade e todas as condições que lhe garantam a proteção à dignidade constitucionalmente assegurada. A utilização dos resultados da pesquisa será exclusiva para fins técnico-científicos. Os riscos na participação serão minimizados mediante a atuação do pesquisador pela atenção e zelo no desenvolvimento dos trabalhos em assegurar ambiente seguro, confortável e de privacidade, evitando desconforto e constrangimento. Por outro lado, se você concordar em participar na pesquisa estará contribuindo para o desenvolvimento da ciência nesta área. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade será assegurada e mantida em absoluto sigilo. Caso concorde em participar, em qualquer momento você poderá solicitar informações ou esclarecimentos sobre o andamento da pesquisa, bem como desistir dela e não permitir a utilização de seus dados, sem prejuízo para você. Você não terá nenhum tipo de despesa e não receberá nenhuma gratificação pela participação na pesquisa.

Consentimento:

Declaro ter recebido de Daniela Mendes Souza, estudante do curso de Psicologia do Centro Universitário do Cerrado Patrocínio, as orientações sobre a finalidade e objetivos da pesquisa, bem como sobre a utilização das informações que forneci somente para fins científicos, sendo que meu nome será mantido em sigilo. Aceito participar da pesquisa por meio da resposta a um questionário, bem como permito a utilização dos dados originados do mesmo. Estou ciente de que poderei ser exposto(a) a riscos de constrangimentos associados ao meio aceite do convite, e que poderei, a qualquer momento, interromper a minha participação, sem nenhum prejuízo pessoal. Fui informado(a) que não terei nenhum tipo de despesa nem receberei nenhum pagamento ou gratificação pela minha participação. Declaro que minhas dúvidas foram esclarecidas suficientemente e concordo em participar voluntariamente das atividades da pesquisa.

Assinatura _____ do(a) _____ participante(a):

Data: ____/____/____.



Impressão de polegar
caso não assine

Pesquisadora: Daniela Mendes Souza

Assinatura: _____

Data: ____/____/____

Orientadora: Profa. Dra. Vanessa Cristina Alvarenga.

Assinatura: _____

Data: ____/____/____

Comitê de Ética em Pesquisa do UNICERP: Fone: (34) 3839-3737 ou 0800-942-3737
Av. Liria Terezinha Lassi Capuano, 466, Campus Universitário - Patrocínio – MG,
CEP: 38740.000

ANEXOS

ANEXO A – APROVAÇÃO COEP/UNICERP



COEP – Comitê De Ética Em Pesquisa – UNICERP

Protocolo de encaminhamento de Projeto de Pesquisa para o Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos

1. PROJETO DE PESQUISA

Nº PROTOCOLO: 2018 1450 P51 006

1.1. TÍTULO DO PROJETO

PRECONCEITO RACIAL ENTRE UNIVERSITÁRIOS

1.2. PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Nome: Vanessa Cristina Alvarenga

RG: 11.517.372

CPF: 058.646.996-67

Endereço: Rua Jacinto Alves Pereira, n. 25, apt. 203. Bairro: Santa Terezinha.

Telefone:

Celular: (34) 98883-0082.

E-mail: vanessac@unicerp.edu.br

1.3. INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL

Centro Universitário do Cerrado Patrocínio

1.4. PROJETO DE PESQUISA

Recebido no COEP/UNICERP em: 11 / 06 / 2018

Para o relator em: 13 06 / 2018

Parecer avaliado em reunião de: 23 / 06 / 2018

Aprovado: 23 / 06 / 2018

Diligência/pendências: ___ / ___ / ___

Não aprovado: ___ / ___ / ___

Diretor(a) do COEP/UNICERP

Angela M. Drumond Lage
COEP/UNICERP